

Os 290 soldados portugueses que constituem a reserva táctica da NATO no Kosovo estão em alerta permanente e podem ter de intervir a qualquer momento. Enquanto isso não acontece, procuram encurtar o tempo que os separa de casa e vivem amores contidos, geralmente através da Internet. Mas o atirador André e a cabo Patrícia (em baixo) não precisam do computador para namorar

SERIAM SEIS LONGOS MESES, longe da família e dos amigos, numa terra distante e perigosa, palco de interesses locais e geostratégicos, tensões e confrontos étnicos, crime organizado e corrupção, máfias armadas e tráfico humano: numa verdadeira bomba-relógio, prestes a rebentar a qualquer momento. Mas valia a pena correr o risco e fazer a viagem. O vencimento seis vezes superior ao habitual, fruto do generoso suplemento de missão, tornava a proposta irrecusável. Além disso, e acima de tudo, tinham um trunfo na manga, de que a maioria não dispunha: o apoio um do outro no “teatro de operações”. Iriam juntos e, se a sorte assim o quisesse, tudo haveria de correr bem...

André Oliveira, de 26 anos, e Patrícia Santos, de 23, aterraram em Pristina, capital do Kosovo, no passado dia 21 de Setembro. São dois dos 290 soldados portugueses que constituem a reserva táctica da Kosovo Force (KFOR), a força multinacional liderada pela NATO responsável por manter a segurança na província sérvia. As 29 mulheres e os 260 homens do 2.º Batalhão de Infantaria estão em alerta permanente e podem ser chamados a intervir a qualquer momento, em qualquer parte do território kosovar.

Por enquanto, se nada se alterar, participam em operações de treino e reconhecimento. Preparam-se para

